

DOI:10.4025/5cih.pphuem.2215

**O Imaginário sobre o Nascimento Sagrado no Medievo pela visão de Giotto**Jacqueline Rodrigues Antonio<sup>1</sup>

Resumo: O objetivo deste é apresentar um estudo sobre a ideia que o baixo medievo transparecia acerca dos nascimentos sagrados, pelas representações em igrejas, em especial nos séculos XIII e XIV, período em que, particularmente proliferaram, conhecendo assim o imaginário desta sociedade. Para tal, foi feita uma análise comparativa sobre o tema proposto em duas circunstâncias: em Maria e em Jesus, que estão postas dentro de uma cronologia segundo leituras canônicas, que representa a visão oficial sobre a Boa Nova, a vida de Cristo, e escritos apócrifos, sendo estes representantes de uma linha não oficial, demonstrando uma característica fora da instituída, porém aos poucos, alguns relatos foram incorporados a devoção instituída, por exemplo, pelos dogmas. A preferência para as obras de Giotto di Bondone (1267-1337) deu-se particularmente as que estão na Capela da Sagrada Virgem Maria da Caridade, mais conhecida como Capela Arena ou Capela Scrovegni, local que se encontra a devoção popular e a devoção instituída, sendo assim possível traçar melhor o perfil do imaginário e da ideia do homem medieval sobre o Deus bebê. A metodologia utilizada é inspirada na proposta por Panofsky (1991) com seus três níveis de análise de imagens. Também foi lida a obra de Ginzburg (1989), Indagações sobre Piero, no qual demonstra como uma imagem pode ser analisada na história. Há também contribuições de Burke (2004) e Schmitt (2007). Giotto, identificado como autor das obras analisadas, era um artista de transição, tendo a possibilidade de perceber os traços do medievo e do moderno, que abrange além do artístico, o âmbito da mentalidade, cultura, política e economia. Giotto também propôs outra visão sobre a arte medieval nos fins do dito período, sendo a inspiração dos artistas que o sucederam, reconhecidos como renascentistas, pois este introduziu a tridimensionalidade em suas obras e evidenciando uma noção de realidade as cenas ilustradas, como também a inserção do expectador ao episódio, pois estas foram pintadas de uma forma que elas são vistas de frente, não mais de cima para baixo, como era outrora. Já a Capela Arena foi escolhida por suas representações serem pioneiras no campo imagético a retratar aspectos da vida da mãe de Jesus antes das narrativas evangélicas, e também por esta representar um marco, na arte, na sociedade, na história e na mentalidade, as obras encontradas neste ambiente são revolucionárias e revela o novo pensamento, o humanismo, que teve terreno fértil no meio urbano que ganhava cada vez mais habitantes pelo êxodo rural. Como também, na Capela em questão, todas as cenas retratadas são vistas numa ordem cronológica, desde o desejo dos pais de Maria, Joaquim e Ana, de terem um herdeiro, o nascimento da filha dos mesmos, a vida de Maria antes de Jesus, incluindo seu casamento com José, indo para o nascimento de Cristo e os eventos evangélicos, chegando a sua morte, ressurreição e o grande painel do Juízo Final, altamente propagada neste período final do medievo. Nesta Capela, estes eventos nos aparecem numa espécie de protótipo das telenovelas dos dias atuais, em que cada cena revela um novo episódio, uma nova história a ser conhecida, no qual permite melhor análise sobre este imaginário. Como conclusão, tais imagens analisadas são frutos de uma devoção popular, ou seja, de um imaginário de povo materializado.

Palavras-chaves: Imaginário Medieval. Iconografia. Giotto.

## **Introdução**

Este trabalho tem por objetivo estudar o imaginário medieval por meio das representações de Giotto contidas na Capela da Sagrada Virgem Maria da Caridade, mais conhecida como Capela Arena, situada na cidade de Pádua, na Itália. Para melhor compreensão do assunto, foram selecionados dois afrescos com o tema correspondente, sendo um que representa a literatura apócrifa sobre Maria, e o outro retirado da leitura canônica sobre o mesmo. A primeira pintura a ser analisada é O nascimento da Virgem, no qual em textos apócrifos foi dada maior ênfase, e a segunda é O nascimento de Jesus, da qual é muito evidenciado na leitura canônica de Lucas e Mateus como o princípio da história da salvação. Estes afrescos foram produzidos entre os anos de 1303 e 1305<sup>2</sup>.

Maria foi retratada desde as comunidades primitivas cristãs. No século III temos uma representação mariana na catacumba de Santa Priscilla, em Roma, juntamente com Jesus e os Magos, que vemos citados no evangelho de Mateus (2, 1-12). O tema do nascimento é posto somente duas vezes na narrativa da Capela da Sagrada Virgem Maria da Caridade, a primeira quando se refere à Maria e a segunda a Jesus. Nesta capela, dedicada à Maria, encontramos um diferencial nas representações quanto à vida de Maria e Jesus: estas apresentam uma estrutura narrativa, numa seqüência, contando uma história e revelando aos espectadores parte a parte da vida de Maria atrelada a de Jesus, sendo este o motivo de apresentar somente estes dois nascimentos.

O tema do Deus bebê foi pouco explorado pelos artistas e estudiosos medievais, dada a preferência ao Deus menino, com as Theotokoi ou Madonas, ou, em sua maioria, ao Deus adulto. Deste modo, os nascimentos sagrados têm bebês com feições de adultos em miniaturas.

O estudo de imagens na história exige mais que uma simples leitura do que é visto, sendo necessária a análise da produção, das condições sociais, políticas e econômicas da sociedade em que esta floresceu.

Os traços de Giotto são marcantes e levam o espectador sentir como sujeito ativo da cena que observa. Cada quadro revela uma nova cena e representa o imaginário sobre as histórias retratadas, seja a partir dos livros canônicos ou advindos da tradição e dos livros apócrifos. A representação da vida de Maria, mãe de Jesus, na Capela Arena, leva o espectador a se inteirar acerca dos eventos anteriores e posteriores ao nascimento de Jesus, afirmando, assim a santidade da origem de Cristo, servindo como uma confirmação das fontes escritas cristãs.

## **Apresentação das obras analisadas**

Como já dito anteriormente, este trabalho se dedica a análise das obras de Giotto sobre o imaginário do nascimento de Maria, a mãe de Jesus, e de seu filho. Os afrescos em questão, O nascimento da Virgem e O nascimento de Jesus, que se localizam na Capela Arena, em Pádua, na península Itálica, tendo cada um o tamanho de 200cm X 185cm. São também emolduradas com faixas decorativas, e nestas faixas estão contidas também pequenas cenas do Antigo Testamento. Na parte inferior das paredes, desta mesma capela, também há alegorias<sup>3</sup> das virtudes e dos vícios<sup>4</sup>, além do imenso painel do Juízo Final. No teto são visualizados os rostos dos quatro evangelistas e ao centro o de Jesus.

Sobre os afrescos que contêm as representações de Maria na capela em questão, há as pinturas que se dedicam por narrar sua vida, sendo cinco afrescos com a figura de Maria

presente<sup>5</sup>, e dois que se refere a ela, mas sem sua presença<sup>6</sup>. Há também algumas inseridas na vida de Cristo, sendo aqui elencadas sete com a presença de Maria<sup>7</sup>. Ao olharmos para o conjunto que se dedica a paixão de Jesus, são três afrescos com a presença de Maria<sup>8</sup>.

## O estudo da iconografia

Neste presente trabalho, foram utilizados como métodos, os contidos em Burke (2004), Schmitt (2007), com as análises de imagem proposta por Panofski (1991). Os dois primeiros tratam do estudo de imagem pela história, as suas implicações, métodos e objetivos. Panofski (1991) fornece os métodos de iconografia, que são os estudos dos sentidos e significados das imagens. Também foram de igual importância os estudos de Pelikan (2000), para a compreensão da figura de Maria para os devotos, como também a compreensão na literatura escrita.

Burke (2004) nos esclarece sobre o lugar das imagens como evidência histórica, mas antes disso, ele mesmo recomenda que “é prudente iniciar pelo seu sentido”, pois as “imagens são feitas para comunicar” (2004: 43). No decorrer da obra, vemos que o autor adverte várias vezes que as imagens, apesar de comunicar algo ao espectador, não raciocinam por si, e o historiador ao tentar decifrar as mensagens nela contida, acaba por interpretar algo estranho ao que o pintor pretendia. Portanto, o estudo de imagens permite enxergar nas obras algo além do que primeiramente referenciado, seja pelo pintor, seja pelo encomendador.

Schmitt (2007) nos evidencia que:

Todas as imagens, em todo caso, têm sua razão de ser, exprimem e comunicam sentidos, estão carregados de valores simbólicos, cumprem funções religiosas, políticas ou ideológicas, prestam-se a usos pedagógicos, litúrgicos e mesmo mágicos. Isso quer dizer que participam plenamente do funcionamento e da reprodução das sociedades presentes e passadas. Em todos os aspectos, elas pertencem ao território de “caça” do historiador. (2007: 11)

Portanto, as imagens transparecem aquilo que não está escrito e manifesta sobre aquilo que desconhecemos, e só a compreendemos a partir de um olhar iconográfico sobre ela, um olhar no qual a coloca num contexto, no qual damos uma finalidade. A imagem se situa na imaginação, pois ela representa e torna real aquilo que está somente no campo do sonho ou idealização, ou seja, torna visível aquilo que estava invisível. Sendo um estudo da mentalidade, e, por conseguinte, do imaginário da sociedade em que o ícone foi confeccionado.

Pelikan (2000) nos revela o poder que o embasamento na Bíblia tem sobre uma personagem:

No entanto, talvez em nenhum outro ponto o desafio desse dilema tenha sido mais inevitável do que na relação entre o crescimento da doutrina de Maria e sua pretendida fundamentação nas Escrituras. O embasamento parecia relativamente honesto no que diz a respeito a alguns componentes doutrinários. Os evangelhos de Mateus e de Lucas deixaram bem claro que Maria concebeu seu Filho virgem. Porém, estudos ulteriores realmente revelaram uma intrigante discrepância sobre a qual o Novo Testamento permanece calado, como se, com efeito, esse assunto fosse pouco ambíguo e nada essencial. As epístolas de Paulo, as outras epístolas no Novo Testamento e as pregações dos apóstolos, como foram registradas no livro dos Atos, nem sequer mencionam a concepção virginal. Tanto Mateus como Lucas fazem menção a ela, e com isso os dois outros evangelhos passaram a ter um interesse especial. (2000: 28)

Com isso, Pelikan (2000) nos indica a importância de entender o que a Bíblia cita sobre Maria, para assim compreendermos a sua devoção e desdobramentos ao seu respeito entre os fiéis.

Ao se tratar do Jesus, a principal fonte é a bíblica, porém há outros escritos que nos revelam as demais características dos eventos que cercam essa figura. Ao fazer uma análise de uma pintura que contém o Cristo é necessário conhecer os escritos mais próximos da época da produção e o que apresentou esse personagem. Neste trabalho foram lidos os relatos evangélicos e apócrifos, como também a Legenda Áurea que enriquece quanto a devoção popular medieval.

Panofsky (1991) expõe que a iconografia compreende um método descritivo, que para nós historiadores, são de fundamental importância, pois para fazê-lo permite um o conhecimento histórico sobre o que foi retratado. A iconografia é uma interpretação de imagens que analisa os detalhes da obra. Se iconografia são os elementos essenciais de uma imagem que precisa ser esclarecidos, o que seria iconologia? Uma iconografia interpretativa.

### **Maria, a Theotokos<sup>9</sup>**

Há uma personagem que tem um lugar privilegiado, e que é possível dizer que a questão principal do Primeiro Testamento está posta nela. Era uma simples jovem que morava na pequena Nazaré, numa região pobre chamada Galiléia. Essa personagem é Maria, a mãe de Jesus, que aparece por diversas vezes nos quase dois mil anos de história do cristianismo. Em textos canônicos ela aparece como a escolhida de Deus para ser a mãe de seu filho. Nos apócrifos é confirmado o título daquela que gerou Deus sendo muito valorizado, imputando a ela muitos livros. Na iconografia, Maria, foi durante os séculos tema de muitas obras. Também foi tema a ser discutidos nos concílios ecumênicos<sup>10</sup>, a título de exemplo, o primeiro concílio de Éfeso, em 341, no qual instituiu o primeiro dogma mariano, da Theotokos.

Nos livros canônicos Maria é evidenciada de maneira sutil, mas decisiva, como no caso do livro de Lucas e João. Em Lucas<sup>11</sup> é através dela que Jesus divino se torna Jesus humano. João<sup>12</sup> coloca sua atitude nas Bodas de Caná como responsável pelo início da vida pública de seu filho.

Em apócrifos há inúmeras indicações sobre a personagem Maria, tendo pelo menos quatorze dedicados a ela. Há apócrifos que se dedicam a narrar parte da vida de seus pais, Joaquim e Ana, o nascimento da mãe de Jesus e, geralmente, finaliza no nascimento de Cristo ou um pouco depois. Há aqueles que contêm somente citações sobre Maria, e também que se proponham a fazer um texto ascensionistas, e são destes textos, juntamente com a piedade popular, que surge a devoção da Assunção de Maria.

No campo imagético, temos um exemplo na catacumba de Santa Priscilla, em Roma. A imagem em questão mostra Maria com o menino Jesus no colo, num momento de intimidade entre mãe e filho, como é visto na figura 1.

Essa ascensão que percebemos na Idade Média da devoção mariana, é fruto de uma crescente identificação dos fiéis entre esta figura marcante na história do cristianismo. Tal identificação se inicia pela a especialização da devoção, de uma devoção universal confessada por todos os cristãos, há o seguimento a uma devoção particular, que, segundo Le Goff (2010):

Vejamos de novo na iconografia. O tema que se espalha é o da Virgem, com seu manto protetor. À medida que as necessidades se intensificam na sociedade, que se reivindicações se multiplicam, os homens e as mulheres tem necessidade de uma extensão, de uma diversificação das manifestações de Deus. [...] Certamente, as ligações entre Deus e a sociedade feudal estão entre as mais estreitas da história. [...] Todas essas infelicidades fazem com que os homens e mulheres cada vez se tornem mais sensíveis ao Deus sofredor, ao Cristo da Paixão. E, ao mesmo tempo, procurem uma proteção. Daí o desenvolvimento do papel do Espírito Santo e da promoção da Virgem. (2010: 56-58)

Notamos, assim que no passar da Idade Média a vida cotidiana interfere na vida devocional do indivíduo. Neste contexto aparece Giotto e a Capela Arena, sendo esta dedicada a Maria, havendo uma representação do encomendador, Enrico Scrovegni, oferecendo uma miniatura da Capela à mãe de Jesus, como é visto na figura 2.

A Capela Arena, sendo dedicado a Virgem, é um exemplo da emergência em conhecer mais sobre Maria, encontrando retratada a sua vida e origem, esta última representada na figura de seus pais, Joaquim e Ana.

### **A análise dos afrescos**

Os séculos que compõe a baixa Idade Média, XII-XIV, são significativos no relativo a grandes transformações sociais. Este período é caracterizado como o tempo das catedrais, termo cunhado por Duby (1978), uma vez que a arte das catedrais na Europa é referente ao renascimento das cidades, citados nos referidos séculos (XII-XIV), como também do comércio e a transferência das residências dos senhores do campo para a cidade, que leva consigo os seus produtos.

Este período também é assinalado pelo surgimento do Humanismo, a exemplo Boccaccio (1996), com sua obra *Decamerão*<sup>13</sup> e Alighieri (1999) com a *Divina Comédia*. Neste período começa a apreciar os valores humanos, como a busca por retratar fielmente a figura humana nas pinturas, que pouco a pouco invade os valores sacramentados do divino. Isso domina também o campo da arte, uma vez que sentimentos tipicamente humanos, como a aflição, a confiança, a alegria, ganham lugar nos sentimentos de sobriedade e placidez, ditos como tipicamente divinos.

Na Capela Arena, em que se localizam as obras que abaixo são analisadas, é um bom exemplo dessas transformações. Lembremos que Giotto, por essas mudanças, é considerado por Giorgio Vasari, um pintor, arquiteto e historiador da arte no século XVI, como o Pai do Renascimento, no campo das imagens. Opinião esta sustentada até os dias de hoje. Nos afrescos vemos retratadas cenas do cotidiano na vida de personagens sagradas para o cristianismo, aproximando do cotidiano de seus expectadores.

Os afrescos da Capela Arena seguem a cronologia da vida de Jesus, e reserva um destaque para a vida de Maria anterior ao nascimento de Jesus, algo que nos livros canônicos não são citados. Estas cenas ilustradas na capela remetem aos descritos em apócrifos e as tradições populares. Há alguns destes que descrevem a maioria das cenas pré-canônicas reproduzidas por Giotto, como é o caso do Protoevangelho de Santiago e do Livro sobre a Natividade de Maria.

O afresco *O nascimento da Virgem* nos revela algo muito curioso. Nele temos retratadas duas cenas em uma. A primeira é a parteira entregando Maria à sua mãe, e a segunda a bebê Maria sendo alimentada por meninas, como é visto na figura 3.

No Protoevangelho de Santiago segue a narrativa:

Assim, pois, cumpridos os meses de Ana, no nono deu à luz. E perguntou à parteira: “O que eu pari?” E ela disse: “Uma menina”. E Ana respondeu: “minha alma foi glorificada no dia de hoje.” E deitou a menina. Passados alguns dias, Ana lavou, deu o peito para a menina e a chamou de Maria. (Protoevangelho de Santiago V, 5)

Adiante, o escritor do Protoevangelho de Santiago, continua: “E chamou as filhas dos hebreus, àquelas que não tinham pecados, para que brincassem com ela.” (Protoevangelho de Santiago VI, 1). Isto é posto pelo autor para ressaltar que Maria, desde seu nascimento, sempre foi imaculada, algo que, pela devoção dos fiéis, no século XIX culminou num dogma intitulado *Imaculada Conceição* pela Bula Pontifícia<sup>14</sup> *Ineffabilis Deus*.

Com a visualização da cena e a comparação com o material escrito, percebemos muitas semelhanças, sendo dessa forma, a baixa Idade Média, um período que está mergulhado em uma tradição fundada em apócrifos, sendo este tal datado do século II, nos revela um grande período enraizado nestas devoções não canônicas.

O afresco da seqüência é o Nascimento de Jesus, algo que os livros canônicos de Mateus e Lucas citam e, como também alguns apócrifos, como o Protoevangelho de Santiago. Olhando para o afresco, verificamos que este texto é muito distante daquele o que Giotto pintou. Há Maria deitada, com seu filho nos braços, sendo auxiliada por uma mulher, com José sentado, refletindo sobre o acontecido. Também estão presentes anjos em júbilo e dois homens que podemos identificar com sendo pastores, pois há animais por perto, como ovelhas. Esta descrição se aproxima mais dos evangelhos canônicos, que são menos fervorosos quanto ao tema, como é visto na figura 4.

Abaixo temos a narração de Lucas sobre este tema:

Naqueles dias, apareceu um edito de César Augusto, ordenando o recenseamento de todo o mundo habitado. Esse recenseamento foi o primeiro enquanto Quirino era governador da Síria. E todos iam se alistar, cada um na própria cidade. Também José subiu da cidade de Nazaré, na Galiléia, para a Judéia, à cidade de Davi, chamada Belém, por ser da casa e da família de Davi, para se inscrever com Maria, desposada com ele, que estava grávida. Enquanto lá estavam, completaram-se os dias para o parto, e ela deu à luz seu filho primogênito, envolveu-o em faixas e reclinou-o numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na sala. Na mesma região havia uns pastores que estavam nos campos e que durante as vigílias da noite montavam guarda a seu rebanho. O Anjo do Senhor apareceu-lhes e a glória do Senhor envolveu-os de luz; e ficaram tomados de grande temor. O Anjo, porém, disse-lhes: “Não temais! Eis que vos anuncio uma grande alegria, que será para todo o povo: Nasceu-vos hoje o Salvador, que é o Cristo-Senhor, na cidade de Davi. Isto vos servirá de sinal: encontrareis um recém-nascido envolto em faixas deitado numa manjedoura”. E de repente juntou-se ao anjo uma multidão do exército celeste a louvar a Deus dizendo: “Glória a Deus no mais alto dos céus e paz na terra aos homens que ele ama!” Quando os anjos os deixaram, em direção ao céu, os pastores disseram entre si: “Vamos já a Belém e vejamos o que aconteceu e que o Senhor nos deu a conhecer”. Foram então às presas, e encontraram Maria, José e o recém-nascido deitado na manjedoura. Vendo-o, contaram o que lhes fora dito a respeito do menino; e todos os que ouviam ficaram maravilhados com as palavras dos pastores. Maria, contudo, conservava cuidadosamente todos os acontecimentos e os meditava em seu coração. E os pastores voltaram, glorificando e louvando a Deus por tudo o que tinham visto e ouvido, conforme lhe fora dito. (Lucas 2, 1-20)

Nesta leitura percebemos que Maria é posta no centro, sendo o seu sim sinal que se cumpra a vinda do Messias. Quanto à descrição de Mateus foi feita juntamente com a dos Magos.

## Conclusão

Analisar os afrescos da Capela Arena, em Pádua, auxilia a compreender melhor a devoção e o imaginário medieval sobre o nascimento sagrado. Juntamente às imagens, os textos literários que concebeu as cenas, e o seu contexto histórico, auxiliaram a perceber as transformações sociais, na qual influenciou sobre tal devoção, imaginário e também a arte no período.

Quanto aos livros canônicos, Giotto e Scrovegni preferiram a redação de Lucas, como visto no quadro sobre o nascimento de Cristo. A partir do momento em que essas representações marianas tornam-se comuns, como no tema dos nascimentos, ao serem retratadas em lugares de devoção pública, a exemplo a Capela Arena, os adeptos do

cristianismo medieval se sentiram mais familiarizados com a história evangélica, como também apócrifa.

Portanto, este trabalho proporcionou uma maior abrangência a respeito do imaginário medieval acerca de Maria, mãe de Jesus, baseando no relato da literatura, seja ela da antiguidade, como é o caso da Bíblia e alguns apócrifos, que também pertence ao período posterior, ou medieval, como a tradição popular. Também sobre o imaginário do bebê Jesus, que as leituras canônicas abrangem. Para tanto utilizou de fontes imagéticas, os afrescos da Capela Arena, do qual Giotto faz uma narração sobre a origem humana de Jesus atrelada à divina, por espelhar na mãe de Jesus o ideal de santidade. A partir do momento que essas representações, como estes estudados acima, tornam-se comuns em ser retratada nos lugares de devoção pública, a exemplo a Capela Arena, os adeptos do cristianismo medieval ficam mais familiarizados com tais fatos, que a Igreja Cristã buscava torná-la como as únicas verdadeiras sobre os personagens que cercam Jesus. Também temos que considerar que tais cenas emergem da devoção popular, mas de forma particular em cada grupo.

### Figuras



**Figura 1:** Maria e o menino Jesus, Catacumba de S. Priscilla, Roma, século III.

**Fonte:** [http://www.guiasjp.com.br/opcoes.php?option=591&id\\_noticia=24315&id\\_canal=48](http://www.guiasjp.com.br/opcoes.php?option=591&id_noticia=24315&id_canal=48) Acessado em: 31 jan. 2010.



**Figura 2** – Juízo Final e o detalhe de Enrico Scrovegni, Giotto, Capela Arena.  
**Fonte:** (WOLF, 2007)



**Figura 3** – O nascimento da Virgem, Giotto, Capela Arena.  
**Fonte:** <http://www.mystudios.com/gallery/giotto/07a.html> Acessado em: 31 jan. 2010.





**Figura 4** – Nascimento de Jesus, Giotto, Capela Arena.

**Fonte:** <http://www.mystudios.com/gallery/giotto/16a.html> Acessado em: 31 jan. 2010.

### **Referências Bibliográficas**

ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia – Inferno*. São Paulo: \_\_\_\_\_, 1999. Adaptação em prosa por Helder da Rocha.

ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia – Purgatório*. São Paulo: \_\_\_\_\_, 1999. Adaptação em prosa por Helder da Rocha.

BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Editora Paulus, 2003.

BOCCACCIO, Giovanni. *Decamerão*. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

BURKE, Peter. *Testemunha Ocular – História e Imagem*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

CARTER, Joseph. *Os Evangelhos Apócrifos*. São Paulo: Editora Isis, 2003.

DUBY, Georges. *O Tempo das Catedrais – a arte e a sociedade (980 – 1420)*. Lisboa: Editorial Estampa, 1978.

FARIA, Jacir de Freitas. *Apócrifos aberrantes, complementares e cristianismos alternativos – Poder e heresias! – Introdução crítica e histórica à Bíblia Apócrifa do Segundo Testamento*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2009.

\_\_\_\_\_. *História de Maria, Mãe e Apóstola de seu Filho, nos Evangelhos Apócrifos*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2007.

GINZBURG, Carlo. *Indagações sobre Piero*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

LE GOFF, Jacques. *O Deus da Idade Média – conversas com Jean-Luc Pouthier*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

PANOFSKY, Erwin. *Significado nas artes visuais*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1991.

PELIKAN, Jaroslav. *Maria através dos séculos – seu papel na história da cultura*. SP: Companhia das Letras, 2000.

SCHMITT, Jean-Claude. *O corpo das imagens – Ensaio sobre a cultura visual na Idade Média*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2007.

VARAZZE, Jacopo de. *Legenda Áurea – vidas de santos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

VAUCHEZ, André. *A Espiritualidade na Idade Média Ocidental – séculos VIII a XIII*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

WOLF, Nobert. *Giotto*. Lisboa: Taschen, 2007.

---

<sup>1</sup> Graduada em História. Aluna do programa de especialização em História Social e Ensino de História pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Professora Auxiliar da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) – Campus Cornélio Procopio.

<sup>2</sup> Periodização segundo WOLF, Nobert. *Giotto*. Lisboa: Taschen, 2007.

<sup>3</sup> Em ECO, Humberto. **Arte e beleza na estética medieval**. Rio de Janeiro: Record, 2010. Alegoria e simbolismo, na Idade Média, eram considerados sinônimos. A alegoria seria a personificação de sentimentos, como acontece nesta capela, em que a ira, um dos vícios, ou a temperança, uma das virtudes, são simbolizadas por pessoas.

<sup>4</sup> Giotto os colocou assim: Virtudes – Prudência, Coragem, Temperança, Justiça, Fé, Caridade e Esperança. E os contrapondo, nesta mesma ordem: Vícios – Loucura, Inconstância, Ira, Injustiça, Idolatria, Inveja, Desespero.

<sup>5</sup> Nascimento da Virgem; Apresentação da Virgem no Templo; Casamento da Virgem; Procissão dos noivos; Anunciação a Virgem.

<sup>6</sup> Pretendentes da Virgem; Escolha do marido da Virgem.

<sup>7</sup> Visitação a Isabel; Nascimento de Jesus; Adoração dos Magos; Apresentação de Jesus no Templo; Fuga para o Egito; Jesus no Templo ensinando os doutores da lei; Bodas de Caná.

<sup>8</sup> Crucificação; Lamentação; Ascensão.

<sup>9</sup> Palavra grega Theotokos (Θεοτόκος) significa: Aquela que deu a luz a Deus. (τόκος – parto; Θεος – Deus), em PELIKAN, Jaroslav. **Maria através dos séculos – seu papel na história da cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

<sup>10</sup> Consiste numa reunião de todos os bispos, de toda a Igreja Católica, a fim de refletir assuntos acerca das doutrinas, promulgarem dogmas, corrigir erros pastorais e condenar heresias.

<sup>11</sup> Lucas 2,1-20

<sup>12</sup> João 2, 1-11

<sup>13</sup> Giotto, nesta obra de Boccaccio foi muitíssimo elogiado pelos seus dons artísticos.

---

<sup>14</sup> A Bula Pontifícia é um documento lacrado com uma bola de cera ou metal, em geral chumbo, em que o Papa se manifesta em diversos assuntos relevantes à Igreja Católica Romana, a exemplo, instituição de dogmas.